

A LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Ana Patrícia de A.Rosa Mota¹, Ana Paula Oliveira², Gláucia Soraia C. Sansoni³, Prof. MSc. Anézio Cláudio Bernardes⁴

Universidade do Vale do Paraíba – Univap/Faculdade de Educação e Artes – Fea, Rua Tertuliano Dellphin Júnior, 181, Jardim Aquarius, e-mail: paula_oliver1@hotmail.com, acb@univap.br

Resumo - Este trabalho tem como objetivo verificar se a literatura infantil torna prazeroso, fantasioso e proficiente o processo de alfabetização de crianças com necessidades especiais. Houve um trabalho de campo, em que se entrevistaram oito docentes que alfabetizam crianças com necessidades especiais, incluídas em classes regulares da rede pública e particular de ensino de São José dos Campos – SP, e, também, uma mãe de aluno com deficiência que está sendo alfabetizado em uma classe regular de ensino. Construiu-se o embasamento teórico a partir dos pressupostos de Abramovich e Frantz, dentre outros autores. Os dados apontam que, se o processo de alfabetização de crianças com deficiências ocorrer por intermédio da literatura infantil, a aquisição da escrita desses alunos será prazerosa, fantasiosa e proficiente.

Palavras-chave: Infância, desenvolvimento, literatura infantil, deficiência, processo de alfabetização

Área do Conhecimento: Ciências Humanas (Educação)

Introdução

Este trabalho se originou da realidade atual do ensino brasileiro, em relação à obrigatoriedade da inclusão de crianças com necessidades especiais em turmas regulares de ensino. Devido a essa nova realidade há docentes que encontram dificuldades ao tentarem desenvolver um processo de ensino em que essas crianças possam participar em interações com os demais colegas. Sendo assim, motivamo-nos à realização desta pesquisa, a fim de verificar se a literatura infantil auxilia esses docentes a proporcionarem a tais crianças aprendizagens significativas.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, construiu-se o embasamento teórico a partir dos pressupostos de Abramovich, e Frantz, dentre outros autores. Houve, também, um trabalho de campo em que foram entrevistados oito professores alfabetizados que trabalham com classes em que há crianças incluídas, bem como uma mãe de um discente com Síndrome de Down.

Esta pesquisa tem como objetivo verificar se a literatura infantil torna prazeroso, fantasioso e proficiente o processo de alfabetização de crianças com necessidades especiais.

Metodologia

Esta pesquisa compõe-se de um questionário composto por seis perguntas abertas, proposto a uma mãe de aluno Down, que está matriculado em

uma sala de educação infantil da rede particular de ensino de São José dos Campos/SP; e de um outro questionário composto por oito perguntas abertas, proposto a oito alfabetizadoras que atuam nas redes particular e pública desse município.

Resultados

Do questionário proposto à mãe do aluno com Síndrome de Down, o qual está sendo alfabetizado em uma sala regular da rede particular de ensino, pôde-se depreender, ao ser questionada se acredita que a literatura infantil pode aproximar o seu filho das demais crianças, e, também, se esse gênero literário facilita a compreensão das limitações do seu filho, em relação aos demais colegas e à professora, no contexto escolar, e, ainda, se essa literatura pode promover a inclusão de eu filho no grupo no contexto escolar em que ele está inserido, a referida mãe afirmou que:

Toda a literatura que contribua para a melhor convivência e aceitação das diferenças entre as pessoas é bem-vinda a cumprir seu papel de esclarecer, informar e formar opinião.

Podemos depreender da afirmação dessa mãe que ela acredita na literatura infantil e que esse gênero contribui para a formação, convivência, e para a interação de seu filho com os seus colegas de classe.

Já, em relação às alfabetizadoras, foi possível depreender que as docentes contam histórias diariamente, uma vez que a narrativa de histórias, segundo essas professoras, contribui para o desenvolvimento da imaginação, e o processo de ensino e aprendizagem se torna prazeroso, uma vez que, conforme a entonação da voz do narrador, ou da dramatização realizada por intermédio de outros recursos - como, por exemplo, fantoches -, o aluno se sente como personagem da história, e, nesse contexto, também, se incluem, segundo essas docentes, as crianças com necessidades especiais.

Todas as crianças, segundo essas docentes, participam do reconto das histórias, e o fazem com prazer e vivacidade.

Para os momentos de contato com o livro, as docentes fazem algumas adaptações, para que os alunos com necessidades especiais possam participar e interagir com os seus colegas, durante o desenvolvimento das atividades propostas à turma.

Em relação à alfabetização, essas professoras afirmam que desenvolvem um processo de ensino e aprendizagem de aquisição da escrita a partir de histórias infantis conhecidas pelas crianças.

Dessa forma, a literatura infantil, além de servir a momentos de relaxamento, a interações e interpretações corporais - ao serem dramatizadas as histórias, tendo como personagens as próprias crianças -, ela possibilita situações das quais as crianças inclusas participam, de forma interativa, e, assim sendo, esse gênero literário facilita a alfabetização de crianças com necessidades especiais.

O campo da literatura infantil é amplo, no entanto, durante este pesquisamos pudemos observar que faltam, ainda, em relação a materiais, adequações significativas voltadas a esse gênero literário, para que as crianças com necessidades especiais, possam, de fato, participarem proficientemente das atividades propostas nas salas de aula, pois o que mais se observa são livros de literatura infanto-juvenil destinados aos que não apresentam deficiências, já, as que as apresentam, ficam, na maioria das vezes, sem acesso às leituras, por falta de adaptações, como, por exemplo, as por intermédio do Braille.

Discussão

Esta pesquisa cujo objetivo é demonstrar que a deficiência não constitui um obstáculo em um processo de ensino-aprendizagem relacionado à aquisição da leitura e da escrita, tão-somente por requerer esforços e dedicação no coletivo escolar uma vez que ao professor cabe otimizar às crianças deficientes oportunidades para que elas

possam vivenciar e transitar pelo mundo mágico da leitura e da escrita, como os demais alunos.

No entanto, para o educador conseguir conquistar o apoio de todos os seus alunos, a fim de que haja, de fato, uma inclusão e não uma "inclusão excludente", ele precisa privilegiar materiais e metodologias específicas, a fim de evitar: por um lado, discriminações; por outro, angústias.

Nesse sentido, é inevitável que ao professor caberá, sempre, a formação de uma nova consciência entre os alunos, que terão de adotar alguns cuidados para conviverem adequadamente com o colega deficiente; caberá, também, ao docente buscar, incansavelmente, compreender o universo diferenciado do seu aluno com necessidades especiais, e, para isso, precisa refletir sobre a sua prática docente e investir na sua formação pessoal para atingir os seus objetivos.

A prática de contar histórias está intimamente ligada ao desenvolvimento integral da criança, uma vez que é por intermédio das histórias que a criança tem oportunidade de alimentar a sua imaginação, enriquecer o seu vocabulário, construir a sua auto-identificação, aprender a aceitar situações desagradáveis, desenvolver o seu pensamento lógico e a sua memória, estimular o seu espírito crítico, vivenciar momentos de humor e de diversão, satisfazer a sua curiosidade, harmonizar-se interiormente, conter as suas ansiedades, selecionar os meios para solucionar conflitos do seu cotidiano, e de adquirir valores para a sua vida.

Para que haja uma educação transformadora e que humanize, é crucial passar por uma prática de leitura, cujo principal objetivo seja proporcionar ao leitor - deficiente ou não -, uma rica e eficaz contribuição à sua formação, enquanto sujeito-crítico, para que saiba questionar e argumentar sobre os mais diversos assuntos.

Para isso, nos dizeres de Bordini (apud FRANTZ, 1997, p. 25):

Os textos literários adquirem no cenário educacional, função única, singular: aliam à informação, o prazer do jogo, envolvem razão e emoções numa atividade integrativa, conquistando o leitor por inteiro e não apenas na sua esfera cognitiva.

Sendo assim, a leitura deve ser um hábito desde os primeiros anos de vida de uma criança, não se restringindo apenas ao universo escolar, uma vez que desempenha função fundamental para a percepção da realidade, percepção que vai sendo desenvolvida por meio da fantasia, imaginação, emoção e do ludismo. Além do mais, o autor tem como principal função apresentar ao seu leitor uma visão aberta de mundo, com novas possibilidades de interpretação da realidade. O

fato de ler histórias e ouvi-las proporciona, segundo Abramovich (1995, p. 17) o:

Sentir as emoções vividas naquela história, como a emoção, a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras.

Essa autora afirma que “é através duma história que se podem descobrir outros lugares”, pois a leitura, mesmo que de forma indireta, possibilita serem imaginados personagens, lugares vividos na história, e tantos outros aspectos proporcionados por meio da leitura. Porém, como as pessoas com necessidades especiais, visuais, por exemplo, poderão desenvolver e vivenciar esses momentos da história?

A inclusão dos deficientes no mundo da leitura, bem como a sua integração em salas regulares, ainda é bastante recente na educação brasileira, mas requer o respeito e a capacitação continuada de professores, para que se possa, “de fato”, respeitar e incluir o aluno com necessidades especiais, os seus momentos, as suas produções, os seus limites, para que o contexto escolar e a sociedade em geral, comemorem vitórias significativas.

Por isso, afirmamos que há necessidade de se trabalhar a literatura infantil no processo de alfabetização de crianças com necessidades especiais, para as incluir na sociedade. No entanto, sabemos que para que haja uma inclusão, de fato, é necessário que sejam disponibilizados a essas crianças os meios e materiais devidamente adaptados para que possam participar de um processo de ensino e aprendizagem de escrita e leitura que lhes possibilite construir a sua autonomia.

Conclusão

O desenvolvimento desta pesquisa contribuiu para melhorar o nosso conceito relacionado à necessidade de contar histórias aos nossos alunos, além de nos ter permitido uma reflexão sobre nossa própria prática, uma vez que todos os membros do grupo já integram o corpo docente de escolas de diferentes realidades no nosso município.

Acreditamos que as considerações construídas poderão acrescentar benefícios à ação pedagógica dos profissionais que atuam na educação infantil e nas iniciais do ensino fundamental; ou seja, às séries destinadas à alfabetização em escolas de ensino regular, incentivando esses docentes a realizarem um trabalho dinâmico e diferenciado, repensando sua prática, aperfeiçoando-a, ao privilegiar e resgatar “o trabalho com histórias”, visto que: ler e contar história: é ter a certeza de que esse gênero literário proporcionará diversão, aguçará a

imaginação, despertará a curiosidade discente, e, com certeza, contribuirá para a formação de leitores críticos.

Ademais, a literatura infantil torna prazeroso, fantasioso e proficiente o processo de alfabetização de crianças com deficiências, possibilitando-lhes se sentirem integradas ao contexto escolar.

Referências

-ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**, 5 ed., São Paulo: Scipione, 1995.

-FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. Ijuí/RS: Unijuí, 1997.